

Operando com história, memória e ensino de história CIEP BRIZOLÃO 303 – Ayrton Senna

Viviane Grace Costa¹

Resumo: O presente artigo é baseado na monografia de conclusão do CESPEB – UFRJ – intitulada “Operando com História, Memória e Ensino de História – CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA”, orientada pela Dra. Regina Maria da Cunha Bustamante. O eixo principal é uma reflexão acerca da relação entre escola e comunidade da favela da Rocinha, abordando os processos identitários dos alunos moradores da Rocinha, professores, funcionários e da comunidade local. Para isso, destaco como desdobramento o debate de questões contemporâneas onde o morador da “favela” representa o “outro” em relação à figura central que é o morador da “não favela”. Os habitantes da Rocinha do alto do morro, veem as paisagens que são “cartão postal” do Rio de Janeiro todos os dias. Em contrapartida, vivem em lugar caracterizado pela ausência de infraestrutura, muitas vezes, com condições precárias de moradia e serviços públicos básicos. Contudo, com cultura fervescente, mobilizando saberes diversos, os moradores trabalham ou estudam na “não favela”. Como esses sujeitos, que habitam a “não favela”, olham para essa paisagem chamada “Rocinha”? O quanto de “Rocinhas” existe em todos esses atores sociais? E o quanto existe de cultura “ocidental”? Fundamentada nas leituras de NORA (1993), CERTEAU (2002), HARTOG (2006), HALL (2011), MONTEIRO (2011) e GABRIEL (2011), opero com História, Memória e Ensino de História do mencionado CIEP, objetivando uma maior compreensão da História do Tempo Presente, suas rupturas e permanências.

Palavras-chave: CIEP, Rocinha, História, Memória, Ensino de História.

Desde 2011, o *CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA*, localizado próximo à favela da Rocinha, foi contemplado com o Projeto *História para que te quero História*, desenvolvido para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com a coordenação das professoras Carmen Teresa Gabriel (2011-2013) e Ana Maria Monteiro (2013-2014).

Uma das ações desenvolvidas pelo PIBID foi trabalhar *memória e história* do CIEP, aproveitando documentos curriculares e projetos desenvolvidos na escola, dentre outros materiais². Como Professora Supervisora do PIBID, aluna do Curso de Especialização Saberes e Práticas da Educação Básica (CESPEB) com ênfase em Ensino de História e Professora de História do CIEP, tenho tido a oportunidade, a partir do desenvolvimento

¹ GRACE COSTA, Viviane. **Operando com História, Memória, Ensino de História – CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA** [Monografia]. Orientadora: Prof^a. Dra. Regina Maria da Cunha Bustamante. Rio de Janeiro: Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica (CESPEB) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2014.

² Destaco que neste levantamento houve preciosa colaboração da equipe dos licenciandos do PIBID de História da UFRJ. O trabalho dos bolsistas possibilitou agilizar em grande parte os elementos empíricos materializados nas fontes.

dessas atividades, de refletir melhor sobre minhas práticas educacionais, bem como sobre o currículo escolar e os saberes ali produzidos.

Nesse processo, tornou-se óbvio que o ensino, de modo geral, não pode estar deslocado dos processos identitários referentes à coletividade da qual faz parte. Gradativamente, percebi a necessidade de aprofundar essa perspectiva de análise com o intuito de diminuir a distância entre os saberes curriculares tradicionais e o contexto social, cultural e histórico dos alunos, dos professores e da Rocinha.

Ana Maria MONTEIRO (2011), com apoio no filósofo e pensador francês Paul Ricoeur, também lembra que a configuração do tempo passa pela narração do historiador, que, na construção de sua pesquisa, acaba por incorporar tanto a sua própria subjetividade quanto as dos sujeitos históricos em estudo. Citando o historiador alemão Reinhart Koselleck, ela nos diz que a narrativa histórica articula o espaço de experiências, no qual o historiador evoca uma multiplicidade de temporalidades e as articula com “um horizonte de expectativas”, de diferentes tempos em diálogo gerador de sentidos (*Ibid.*, p. 16).

É pertinente o questionamento: como pesquisar História do Presente, quando faço parte desta História da Educação, quer como aluna da rede pública a partir de 1976 no Jardim de Infância, entre 1977 a 1980 no Ensino Primário, de 1981 até 1984 no Ginásio e de 1985 até 1987 no Normal, quer como graduanda e licencianda de História de 1988 até 1992 e professora da Rede Municipal de Educação do Ensino Primário de 1990 até 1995 e do Ensino Médio na disciplina História de 1997 até os dias atuais, passando, a partir de 2002, a lecionar no *CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA*?

Nesse contexto, vivenciei na escola ditadura, abertura e democratização. Estudei Estudos Sociais com professor de Geografia que tendia a privilegiar sua disciplina, só vindo a ter aulas de História no Segundo Grau, assim como Organização Social e Política do Brasil (OSPB) no Ensino Normal e Estudos de Problemas Brasileiros (EPB) na Faculdade. Para conseguir vaga para os filhos na 1ª série primária, minha mãe dormia na fila na porta da escola; nem todos conseguiam vagas para seus filhos. Algumas vezes, eu temia alguns professores, inspetores e membros da direção das escolas em que estudei; o medo era utilizado como estratégia pedagógica de disciplina e conformidade. Admirei professores que criticavam a sociedade e vislumbravam a possibilidade de lutar por um mundo melhor, mais justo e igualitário. Militei no movimento de mulheres distribuindo flores na Avenida Rio Branco em 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Participava de passeatas, assembleias

dos professores e, em cada momento, reformulava convicções aparentemente sólidas, mas que se desmanchavam no ar. Votei pela primeira vez aos 18 anos, junto com pessoas que estavam votando aos 40 anos pela primeira vez.

Para defender a pesquisa de História do tempo presente no *CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA*, me refiro a Marieta de Moraes FERREIRA (2013), que, em seu texto, ressalta o desprezo dos “historiadores universitários” pela História recente, colocando esse campo de estudo como monopólio dos historiadores amadores.

Essa maneira de fazer História, ao valorizar os estudos das estruturas dos processos de longa duração, atribuía as fontes seriais e as técnicas de quantificação uma importância fundamental. Em contrapartida ao desvalorizar o papel do indivíduo, das conjunturas, dos aspectos culturais e políticos, também desqualifica o uso dos relatos pessoais, dos relatos de vida e das biografias (FERREIRA, 2013, p. 17).

Esse tipo de História deslegitimava o historiador que vivenciou parte da História ou seus testemunhos. Em contrapartida, Ferreira rompe com a ideia de necessidade de distanciamento para a realização da análise histórica citando o historiador francês Roger Chartier e mostrando que, para maior entendimento da realidade estudada, unindo o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador àqueles que fazem a História, a falta de distanciamento pode ser um instrumento de auxílio (FERREIRA, 2013, p 21).

Como pesquisadora e como professora de História do *CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA*, acredito que, sendo contemporânea ao objeto de estudo, divido categorias e referências com outros atores sociais, com possibilidade de dar voz a esses sujeitos que fazem parte da cultura escolar. A narrativa, assim, não é apenas do pesquisador, mas também de alunos, professores, comunidade, além dos acadêmicos que discutem e tratam da temática. O diálogo não é apenas *sobre* eles, mas *com* eles, cada um sendo apresentado com suas posições, disputas, vivências, referências, memória, silenciamentos, atuações e apatias.

O CIEP BRIZOLÃO 303 - Ayrton Senna

Na maioria dos CIEPs, os nomes a eles atribuídos representam personalidades que simbolizam a cultura popular ou a luta por democracia, soberania e igualdade, com o intuito de fixar na memória uma história dos excluídos. Como exemplo, cito Nelson Cavaquinho,

Adoniran Barbosa, Padre Nino Miraldi (liderança na Vila Kennedy), Federico Fellini, Rainha Nzinga Angola, Mahatma Gandhi e Nelson Mandela.

O *CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA* recebeu, todavia, nomes de duas personalidades. O nome “BRIZOLÃO” foi acrescentado a todos os CIEPs do Estado do Rio de Janeiro em 2005, como homenagem ao ex-governador Leonel de Moura Brizola após seu falecimento em 21 de junho de 2004, no governo de Rosinha Garotinho. Já o nome AYRTON SENNA foi devido ao falecimento do piloto de Fórmula Um Ayrton Senna da Silva, ocorrido em 1º de maio de 1994. É interessante observar que, bem antes de acrescentarem ao CIEP o nome BRIZOLÃO, a população já havia assim apelidado os CIEPs, nome surgido como expressão espontânea da linguagem popular e agregado posteriormente pelo poder público. No entanto, o nome de Ayrton Senna da Silva não está associado à classe popular nem sugere uma cultura popular. O esporte relacionado à Fórmula Um é elitizado; poucos a ele têm acesso. Mas a carreira vitoriosa do piloto tornou-o um ídolo no país. Podemos verificar isto através do Decreto nº 19.919, de 6 de maio de 1994, que denominou o CIEP 303 de GINÁSIO PÚBLICO AYRTON SENNA (ANEXO D). Embora se dedicasse a um esporte elitizado, Ayrton Senna da Silva sempre levantava a bandeira do Brasil, simbolizando forte identificação com a nação brasileira. Seu nome sugere sucesso, vencer, vitória, campeão, superação – fomentando simbolicamente o sentimento de pertencimento, incorporado em vários esportes, no qual o esportista ou sua equipe representa um grupo maior de torcedores. No caso de Ayrton Senna, ele expressava esse sentimento de vitória em grande parte da população brasileira. Este seria um forte motivo na escolha do nome da escola para os alunos moradores da favela da Rocinha. Podemos ilustrar com algumas de suas frases: “Vencer é o que importa. O resto é consequência” (EM PROFUNDIDADE, [s.d.]) e “Se você quer ser bem sucedido, precisa ter dedicação total, buscar seu último limite e dar o melhor de si” (PENSADOR UOL, [s.d.]).

A Vontade de Memória do Projeto Político Pedagógico do CIEP 303 Ayrton Senna

A intenção da memória do PPP (Projeto Político Pedagógico)³, está claramente voltada para a memória da comunidade da Rocinha. Na narrativa desse documento é problematizado a

³ O Projeto Político Pedagógico define a identidade da escola. É fruto da interação entre objetivos e prioridades definidas pela coletividade escolar, que estabelece, através da reflexão, as ações necessárias à interferência para enfrentar os desafios do contexto escolar. É *Projeto* por reunir ações durante determinado período de tempo. É *Político* por exigir comprometimento de todos os envolvidos no processo educativo: professores, equipe técnica, alunos, seus pais e a comunidade, propondo modificar os rumos. É *Pedagógico* porque define e organiza as atividades e os projetos que interferem no processo ensino aprendizagem.

dicotomia em relação à caracterização atual da Rocinha como bairro. A Prefeitura do Rio de Janeiro, através de decreto, denominou-a bairro⁴, enquanto o PPP reafirma, como marco identitário, o nome de “favela”⁵ ao se referir à Rocinha.

Dentro desse contexto, pode-se observar que tanto os movimentos sociais ligados à comunidade quanto o PPP, que faz parte da cultura escolar deste CIEP, se identificam com o nome “favela”. Observa-se na denominação “favela” a disposição em delimitar uma série de atributos e valores, além de marcar um posicionamento político de resistência frente à visibilidade da favela enquanto tal.

O nome *Rocinha*, no entanto, é utilizado constantemente pelos movimentos sociais para demarcar um território situado em São Conrado, próximo aos bairros da Zona Sul detentor de identidade própria, representada por locais diversificados, com histórias e memórias singulares (Labiô, Largo do Boiadeiro, Curva do S, Via Ápia, Rua do Valão, Rua 1, Rua 2, Rua 4). Dentro dessa diversidade, pode-se encontrar, ao mesmo tempo, certa hierarquia. Alguns locais são mais desprovidos de condições de moradia e direitos básicos do que outros. Fazendo parte da comunidade escolar da Rocinha, utilizo, neste trabalho, a denominação *Rocinha*, reforçando um lugar de memória em que seus moradores promoveram ali sua significativa visibilidade cultural e social, capaz de repercutir tanto no Brasil quanto no panorama internacional. A Rocinha recebe grande quantidade de visitantes, incluindo autoridades diversas de diferentes nacionalidades.

Atualmente, conforme já referido, a Prefeitura do Rio denomina tanto a Rocinha como o Vidigal como *bairros*. Baseado no Censo do IBGE de 2010, o Instituto Pereira Passos (Prefeitura do Rio) quantifica a população da Rocinha em 69.356 habitantes. A definição do

⁴ Para Josué Alencar Bezerra, bairro pode ser considerado tanto uma unidade administrativa (o conjunto de habitações compõe as ruas, o conjunto de ruas compõe o bairro e o conjunto de bairros compõe a cidade), quanto sua identidade social e cultural. O autor se refere ao filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre, que interpreta o bairro como forma concreta do espaço e do tempo na cidade, que atua como um módulo social de maior convergência entre o espaço geométrico e o espaço social, entre o quantificado e o qualificado. [...] “o lugar onde se faz a tradução (para e pelos usuários) dos espaços sociais (econômicos, políticos, culturais, etc.) em espaço comum, quer dizer, geométrico” (LEFEBVRE, 1975, p. 200-201 *apud* BEZERRA, 2011).

⁵ A origem do termo *favela* em português brasileiro surge no episódio histórico conhecido por Guerra de Canudos. A cidadela de Canudos foi construída junto a alguns morros, entre eles o Morro da Favela, assim batizado em virtude da planta *Cnidocolus quercifolius* (popularmente chamada de favela) que encobria a região. Alguns dos soldados que foram para a guerra, ao regressarem ao Rio de Janeiro em 1897, deixaram de receber o soldo, instalando-se em construções provisórias erigidas sobre o Morro da Providência. O local passou então a ser designado popularmente Morro da Favela, em referência à “favela” original. O nome *favela* ficou conhecido e na década de 1920, as habitações improvisadas, sem infraestrutura, que ocupavam os morros passaram a ser chamadas de favelas (FAVELA, [s.d.]).

IBGE é de *aglomerados subnormais*⁶. As lideranças comunitárias trabalham com 165.000 habitantes. Em 2009, a Secretaria Estadual de Obras previa atender, através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal – o PAC 2009 –, a 34.000 famílias, correspondendo a 120.000 pessoas (BRASIL. PAC, 2013)⁷. O termo *aglomerados subnormais* é questionado por acreditarem que essa referência reforça o estereótipo de precariedade, bem como fortalece uma hierarquização, demarcando inferioridade em relação ao padrão de uma suposta “normalidade”.

Operando com memória: os sujeitos escolares

As questões relativas ao olhar local; através da memória e das experiências escolares, serão apontadas as mobilizações de diferentes atores no espaço social em foco – operando com a memória desses sujeitos, trabalhando sobre e com a escola, espaço localizado próximo a uma favela em uma região “nobre” do Rio de Janeiro, “cidade maravilha, purgatório da beleza e do caos” (ABREU; FAWCETT; LAUFER, 2007), que é cartão postal para o mundo.

Os habitantes da Rocinha, do alto do morro, veem esse “cartão postal” todos os dias. Em contrapartida, vivem em lugar caracterizado pela inexistência de infraestrutura, muitas vezes, com condições precárias de moradia e serviços públicos básicos. Contudo, ao mesmo tempo, com cultura fervescente, mobilizando saberes diversos, os moradores trabalham ou estudam na “não favela”⁸. O CIEP BRIZOLÃO 303 – AIRTON SENNA fica localizado na “não favela”, os professores e funcionários administrativos, em sua maioria, moram na “não favela”; a Coordenadora Pedagógica e três professores residem na Rocinha, ou já residiram no Vidigal, desde sua infância. Os funcionários de apoio, em sua grande maioria, moram na Rocinha. Como esses sujeitos, que habitam a “não favela”, olham para essa paisagem chamada “Rocinha”? Quanto de “Rocinhas” existe em todos esses atores sociais? E quanto de cultura “ocidental eurocêntrica” existe nesses sujeitos?

⁶ Aglomerado subnormal – É um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas etc.) carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e dispostas, em geral, de forma desordenada e densa (BRASIL. IBGE, 2011).

⁷ O cálculo foi feito baseado no número de instalações da Light, que eram 34.000, supondo-se que em cada habitação havia 3 a 4 pessoas, chegando ao número de 120.000 (BRASIL. PAC, 2013).

⁸ Favelas (setores de Aglomerados Subnormais); Não Favela (setores não especiais) (GRACE COSTA, 2012, p. 135).

A memória individual reforça o papel do indivíduo no lugar social. Não é uma memória coletiva que o somatório das memórias individuais faria emergir. É uma memória social. Como afirma Pierre NORA (1993), não existem memórias espontâneas. Nada é gerado “naturalmente”. Existe, sim, um contexto social no qual essas memórias são geradas. São os sujeitos sociais, que, vivendo em determinado espaço, elaboram e processam essa memória, que, por sua vez, está relacionada a um conjunto de pessoas vivendo ao longo de determinado tempo em determinado espaço. Minha intenção é dar voz a esses sujeitos escolares: o que querem lembrar e o que querem esquecer?

Na enquete realizada com um quantitativo reduzido de 36 moradores locais, encontramos um dos atores sociais que construíram o *CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA*. Esse PEDREIRO 48 ANOS demonstra orgulho de ter construído o CIEP e matriculou sua filha pra estudar nessa instituição. Na Rocinha, temos vários operários da construção civil, muitos deles vindos do nordeste, que construíram não só o CIEP, mas também obras do PAC, prédios, shoppings e condomínios na Barra e em São Conrado. Essa imagem da “cidade do Rio de Janeiro” erguida por esses profissionais não aparece, é invisível. A passarela da Rocinha é um projeto de Oscar Niemeyer; mas quem ergueu, virou cimento e construiu esse monumento foram os pedreiros da Rocinha. Vários desses anônimos construíram monumentos que fazem parte do Patrimônio Cultural da Humanidade.

Aquele ali [apontou o dedo] é bom porque eu ajudei a construir ele. Andrade Gutierrez que fez ele. Minha filha nunca reclamou. – (PEDREIRO, 48 ANOS)

Nesse processo de urbanização e escolarização, como os sujeitos sentem e vivem a cidade? A Rocinha, nessa fase de modernização e crescimento acelerado, sem planejamento necessário, causa uma dicotomia entre aspectos negativos e positivos gerados na favela, vividos e sentidos pelos sujeitos que nela habitam, conforme relato de alunos do CIEP.

Alguns comércios, como salão de beleza, além do próprio comércio que eu trabalho que é um mercado. E esse é o lugar muito especial para mim, pois é um sonho realizado, logo quebrei um tabu, pois não é fácil ser aceito por ter minha condição social. – ALUNO 8 (3º ANO DA NOITE – 28 ANOS)

Vila Verde, Valão, Roupas Sujas, Boiadeiro e Via Ápia não representa nada porque eu não gosto de morar na Rocinha por causa dos lixos da rua, e porque tem muita gente ignorante. – ALUNA 9 (2º ANO DA NOITE – 19 ANOS)

A pesquisa com o corpo docente atingiu doze profissionais: nove professores, uma animadora cultural, uma coordenadora pedagógica e um funcionário de apoio.

Pensamos agora na História vivida e pensada por educadores em um ambiente urbano com sua arquitetura e contradições e dentro do espaço escolar no centro de uma metrópole no Rio de Janeiro. Qual a distância cultural entre esse professor e os alunos? Quais as identidades culturais desses professores? Qual a importância da História para esses sujeitos, professores de um CIEP localizado próximo a Rocinha? Como veem o CIEP? Como veem a Rocinha? Quem são os pais dos alunos, nos perguntamos algumas vezes, com objetivo de criar um diagnóstico e trabalhar dentro de um contexto escolar. Mas quem são ou quem foram os pais desses professores?

Para analisar a relação dos professores com os saberes que ensinam, o conceito de saber docente revela-se uma ferramenta teórica de grande potencial por trazer, como pressuposto, o reconhecimento da existência de saberes próprios dos professores, ou seja, de que os docentes são sujeitos, com uma história de vida e profissional, e que produzem e mobilizam saberes na sua prática profissional onde a dimensão educativa representa uma dimensão estratégica e fundamental. (MONTEIRO, 2003).

Em relação à escolaridade dos pais desses professores, uma professora declarou a mãe ser analfabeta, dois desses pais tinham até a 4ª série primária, dois o Fundamental incompleto, quatro o Fundamental completo. Somente três completaram o Ensino Médio, e apenas os pais de um professor tinham nível superior. Neste último caso, o professor é o mais novo dos entrevistados, com 27 anos.

A escolaridade dos pais de quase todos esses professores é inferior às suas. Em várias pesquisas, o aumento do grau de escolaridade entre gerações é um dos indicadores que possibilitam a mobilidade social para romper o ciclo de pobreza⁹. O magistério, neste caso, representou ascensão social para a próxima geração familiar. Essa outra geração, diferentemente de seus pais, alcançou o Ensino Superior, seja nas Universidades Públicas ou nas Particulares.

Verificamos que vários desses professores do Ensino Médio se identificam com alunos do CIEP, pois seu grau de escolaridade é superior ao de seus pais. Mesmo assim, ao concluírem eles o Ensino Superior, com *status* de professor, o passado dos pais desses professores parece não existir e não costuma ser lembrado nem rememorado. A imagem atribuída ao *professor* é a de classe social superior em relação ao aluno de escola pública.

Em relação ao olhar dos professores sobre a Rocinha os aspectos negativos mais citados foram: pouca infraestrutura, abandono da administração pública, opressão pelo

⁹ Situação em que os indivíduos mantêm salários baixos, iguais ou inferiores aos da geração de seus pais, o que se repete em relação aos avós.

governo, tratamento desigual em relação à Zona Sul, carência de oportunidades e opções. Uma professora focou na Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), situando a Rocinha em processo de transição e afirmando que é cedo para avaliar se melhorou ou vai melhorar. Vários desses atributos negativos da Rocinha acabam por inferiorizar seus moradores. Consideram os sujeitos da “favela” de forma passiva, como se não fossem atuantes, capazes de resistir ou de subverter a ordem hegemônica estabelecida.

Um aspecto negativo preocupante que aparece na pesquisa como característica, tanto sobre a comunidade quanto sobre os alunos do CIEP, é a pequena expectativa em relação aos estudos: baixa escolaridade gera baixa expectativa nos projetos de vida. Uma das professoras, que morou até pouco tempo no Vidigal, expressou que a oferta de trabalho aos moradores da Rocinha pela elite na Zona Sul da cidade “acomoda” os moradores.

Quanto às características positivas, os professores ressaltaram várias, possibilitando configurar uma identidade singular em uma favela chamada Rocinha. Dentre elas, foram citadas: riqueza cultural, história, identidade, moradores comunicativos, criativos e sagazes, projetos literários e artísticos da própria comunidade talentosa, atuação e participação políticas, existência de um “universo” de oportunidades, grande coletividade, solidariedade dos moradores, “singularidade” dos moradores, pessoas boas, honestas, sensíveis e batalhadoras, heterogeneidade e diversidade de classes, fluxo migratório intenso e receptividade aos imigrantes.

Vivi aqui a minha vida toda. É uma comunidade que tem muito a oferecer tanto para o bem quanto para o mal. Aqui se encontram bons projetos sociais, mas que acabam contemplando poucas pessoas porque são poucos divulgados ou são divulgados para grupos restritos, sempre os mesmos. Tem sérios problemas de saneamento básico, sofre com o descaso do governo e agora, depois da UPP, está mais instável do que antes. A população tem sofrido com um terreno sem lei. Cada um por si e insegurança para todos. –
PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA 2

A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA 2, moradora da Rocinha, apresenta sua vivência, retratando a diversidade de sujeitos para além do bem e do mal, pois não são vítimas ou algozes; neste caso, o poder governamental é permissivo e desrespeitoso com os direitos humanos dos moradores da “favela”. Essa vivência comprova o tratamento diferenciado do morador da “favela” pelo poder público na tentativa de manter o controle para não incomodar o morador da “não favela”. O morador da “favela” representa o “outro” em relação à figura central que é o morador da “não favela”.

Uma comunidade com pessoas muito boas, honestas, sensíveis, batalhadoras, mas que, de um modo geral não têm consciência da necessidade do estudo para a realização de projetos de vida no futuro. – PROFESSORA DE FÍSICA

Uma localidade que tem características próprias, história, identidade, cultura, demandas e necessidades como em qualquer outra comunidade. Mas, em minha opinião a Rocinha se destaca por conta da sua posição estratégica, próxima à Zona Sul e ao bairro São Conrado (um dos metros quadrados mais caros da capital), que dá um contraste e que proporciona mão-de-obra para esta elite e que acaba incentivando um ciclo vicioso – a Rocinha é boa demais e “ganho bem” trabalhando para os “patrões” de São Conrado, logo muitos habitantes do bairro demonstram acomodação e aceitação cega. Existem também alguns recantos de pobreza, abandono das administrações públicas, mas o povo é muito solidário (principalmente para os estrangeiros e êxodo nordestino), comunicativo, criativo e sagaz, tendo vários projetos literários, artísticos, expressivos e de conhecimento da própria comunidade. – PROFESSORA DE MATEMÁTICA 1

As duas professoras, a de FÍSICA e a de MATEMÁTICA 1, atribuem características positivas aos sujeitos moradores da “favela”, porém ressaltam a preocupação com a baixa expectativa em relação ao estudo. Esse aspecto também é evidenciado nos alunos do CIEP AYRTON SENNA, que, muitas vezes, não aderem ou não demonstram interesse por alguns projetos oferecidos aos alunos, seja dentro ou fora do CIEP. A vivência da PROFESSORA DE MATEMÁTICA 1, como moradora da “favela”, demonstra um olhar horizontal e uma sensibilidade advinda do sentimento de pertencimento e identidade da docente.

Em relação à pergunta; “Como você vê a Rocinha?”, a COORDENADORA considera a Rocinha um lugar de contrastes, de muito poder político e sem consciência de sua força, que é muito utilizada por interesses particulares. O FUNCIONÁRIO DE APOIO diz como é o seu envolvimento com a Rocinha:

Bom, eu sou nascido e criado aí. É uma ótima comunidade de se morar, pra mim, na minha opinião. Tem muitos problemas: saneamento, segurança, infraestrutura em geral, né? Tem muitos problemas aí dentro ainda pra serem corrigidos. Pelo tempo que ficou abandonado isso aí, entendeu? Vai demorar um tempo ainda pra estar se reestruturando, pra se tornar um lugar viável pra morar e viver. Viável sim, mas não tá no ideal pra pessoa criar um filho, passear etc., essas coisas assim. Mas vem melhorando. A cada dia que passa parece que vem melhorando. FUNCIONÁRIO DE APOIO Viável sim, mas não tá no ideal ‘pra’ pessoa criar um filho, passear etc., essas coisas assim. Mas vem melhorando. A cada dia que passa parece que vem melhorando. – FUNCIONÁRIO DE APOIO

Em relação à pergunta “Como você vê a comunidade da Rocinha?”, nas duas narrativas dos atores sociais aparecem vestígios de pouca atuação dos moradores em prol da

melhoria de qualidade de vida e do exercício da cidadania. Essa característica reflete também em parte dos alunos do CIEP, preocupando professores em função das baixas expectativas, inclusive nos estudos.

Uma comunidade desconexa, de trabalhadores, que geram fortunas e não fazem uso dela e tampouco do saber do seu fazer. Pessoas que passam tempo demais com o trabalho ou no trajeto para ele, pessoas com baixa remuneração e com uma grande reprodução da posição social. Como qualquer outra comunidade com individualismos, pouco cooperativismo –
ATIVISTA HISTORIADOR

Uma favela que seria uma pequena representação do Brasil, cheia de controvérsias, de interesses coletivos, porém os interesses individuais que se utilizam dos mecanismos, a força do poder paralelo, predominam e outros que vendem a favela aos interesses eleitoreiros que sempre contribuiu para que a mesma permaneça na mesma. Muitos têm orgulho de ter uma autonomia comercial e assim, acham que têm tudo, não sendo necessário sair. Fez com se viva no gueto. Esta contradição passa a ficar mais clara quando começa a chegar certos serviços públicos que até então não chegavam assim tornando um transtorno para muitos, pois a ausência do poder público só lhe fez sentir e viver mais excluído e quando tem a oportunidade iniciar o exercício de cidadania tem certa dificuldade pois não foi educado para tal. Assim vem sendo a Rocinha frente à sua complexidade de entender que ela faz parte da cidade. – ATIVISTA GEÓGRAFO

A visão do ATIVISTA HISTORIADOR em seu discurso demonstra uma inquietude em relação à submissão de parte dos moradores da Rocinha. O tom da narrativa é de uma denúncia relacionada à exploração de trabalhadores com baixa remuneração favorecendo aos que usufruem de fortunas. O ATIVISTA GEÓGRAFO analisa e problematiza o comportamento desses sujeitos frente à Rocinha, contextualizando as controvérsias e ressaltando a exclusão. Esse “efeito exclusão” vem sendo repetidamente pontuado por vários atores sociais entrevistados nesta pesquisa. A desqualificação frequente do nordestino, favelado, negro, pobre em uma favela situada próximo aos bairros mais elitizados da “Cidade Maravilhosa”, é um forte instrumento de poder para conter uma grande população e mantê-la no seu “gueto” permanecendo em um “mundo a parte” chamada “Favela”. O ATIVISTA GEÓGRAFO demonstra a forte identidade, ressaltando a todos que a Rocinha faz parte da Cidade do Rio de Janeiro.

Pelas pesquisa realizada, acredito na concepção de uma cultura plural em que todos os sujeitos são agentes sociais, sendo possível uma invenção social com essa multidão anônima

(CERTEAU, 2012). Apoiada em Foucault¹⁰, vejo que o “saber” transmite e naturaliza o “poder”, sendo seu elemento condutor. Na relação de “poder” há assim consentimento das duas partes: daquele que se submete à sua ação e aquele que recebe. Os sujeitos são políticos. “No interior das relações de poder todos participam, todos são ativos” (NETO, 2007, p. 118-119).

A diversidade das experiências humanas, em determinada temporalidade e em diferentes lugares, é objeto da História. Assim como os alunos, professores estão inseridos em um contexto histórico. A compreensão desse processo de forma menos essencialista e hegemônica – portanto, mais plural e múltipla – provoca nesses sujeitos o entendimento de seus papéis na História.

Ao mesmo tempo que imbuídos da cultura social, os sujeitos são protagonistas. Todos têm poder, e não são apenas reféns de um “sistema social”, ou de uma “economia”, ou de uma “personalidade política”. Desnaturaliza-se, assim, a concepção de superioridade hierárquica em relação à classe, raça, gênero, sexo e sexualidade.

Para os licenciandos do PIBID de História da UFRJ, era o primeiro contato com uma favela. Novamente houve questionamento do senso comum veiculado pela mídia. O *CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA* foi a ponte que permitiu unir a “cidade partida” entre a “favela” e o “asfalto” de onde vinham os licenciandos. Houve a descoberta do “outro” e a consciência da construção histórica e social da identidade e da alteridade, que pode e deve ser abordada no processo educacional.

Algo que impressiona sobre essa comunidade é o quanto unida ela é. Há tanta coisa acontecendo que parece que existe um mundo lá dentro. A comunidade é marcada por uma história de lutas sociais, a qual entramos em contato ao nos integrarmos com o Projeto de Memória da Rocinha. Com a atividade do PIBID, fomos convidados para conhecer o espaço da comunidade, vimos atividades culturais sendo realizadas, mesmo que de forma restrita, dentro do espaço escolar de outro CIEP. O que se pode dizer, é que a Rocinha é um lugar como qualquer outro, as pessoas que lá vivem, são pessoas como qualquer outra. Isso, claro, todos nós sabíamos, porém a segregação espacial faz com que algumas pessoas classifiquem os moradores deste lugar como o outro, o diferente. Este espaço normalmente é representado na televisão de forma caricata, e em novelas, personagens moradores de favelas são figuras estereotipadas. Em telejornais, se hoje se mostra algo bom sobre as favelas, é porque os moradores há muito tem

¹⁰ Foucault diferencia a natureza entre poder e violência. Enquanto uma ação violenta age apenas sobre um corpo, age diretamente sobre uma coisa, submetendo-a e a destruindo, o poder é uma ação sobre as ações. Ele age de modo que aquele que se submete à sua ação o receba e o tome como natural e necessário. Na violência há dois sujeitos antagônicos: um sujeito que a pratica e um objeto que sofre. No poder, não há exatamente dois polos antagônicos, mais sim sujeitos no mesmo jogo (VEIGA NETO, 2007, p. 118-119).

batalhado para que sua cultura fosse valorizada. Existem intelectuais na Rocinha, tanto quanto poderiam existir em qualquer outro lugar, e a cultura que se produz lá não é menor que a cultura da classe média de Ipanema. Seus bailes funk, seus pagodes noturnos, não são menos dignos de respeito como patrimônio cultural do que boates caras, shows de Rock, apresentações de Samba, Erudito e MPB, ou qualquer outro tipo de manifestação cultural e entretenimento mais comum nas cidades. Acho fundamental que todos os professores neste espaço entendam isso, e dessa forma, não tratando este espaço e seus moradores com preconceito, serão professores mais dedicados e mais profissionais. – LICENCIANDO 1

É uma comunidade que sofre com os já conhecidos problemas da periferia: tráfico de drogas, abusos policiais, falta de saneamento, de oferta de serviços etc. No entanto, boa parte dos alunos que eram moradores da comunidade tinha grande identificação com ela. Falavam com orgulho de seu local de origem, sempre afirmando tal lugar. No caso de uma favela tão grande e híbrida como a Rocinha, esta questão se torna um prato cheio para o trabalho pedagógico. – LICENCIANDO 2

CONCLUSÃO

A prática sem teoria leva a uma verdade única ou dogmatismo, não leva em conta a subjetividade dos sujeitos, cria valores eternos e atemporais. A partir de todo esse processo de diálogo com os autores dos livros, debates com os colegas do CESPEB e com professores, palestras na sala de aula e orientação dos professores do CESPEB, passo a entender que o sujeito pedagógico não existe fora de um discurso pedagógico, ele é construído por uma ordem, pelas diferenças e posições que esses discursos estabelecem no interior das escolas ou nas agências de controle (FOUCAULT *apud* VEIGA NETO, 2007, p. 92). O objetivo desta Artigo não foi simplesmente relatar a História do CIEP e da Rocinha, dando visibilidade ao que é ausente e invisível no discurso hegemônico nesses *lugares de memória*, mas sim, criar uma História pela qual se possa refletir sobre o modo como alunos moradores da Rocinha, professores, funcionários se tornam sujeitos educacionais.

O Projeto Memória, iniciado com o PIBID de História da UFRJ no *CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA*, contribuiu para que, através desta pesquisa, houvesse a compreensão da dinâmica e diversidade da cultura escolar, constituindo o CIEP como *lugar de memória* (NORA, 1993). Ao ressignificá-lo como espaço de produção simbólica, foi possível atribuir-lhe sentidos e identificar marcas dos sujeitos em questão, com a possibilidade de argumentar sobre a relação entre *memórias e identidades* dos alunos, dos professores e da comunidade em geral, compreendendo a aproximação e a integração da escola com seu entorno e sua repercussão sobre as relações estabelecidas entre os diferentes atores. Dessa forma, considerando esse espaço da cultura escolar, podemos compreender as especificidades que

diferenciam o *CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA*, na Rocinha, de outros CIEPs no Estado do Rio de Janeiro, assim como as marcas que os aproximam como escolas de Ensino Médio.

Dentre essas especificidades observadas, podemos destacar uma característica forte da cultura no *CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA*: os migrantes de vários locais do Brasil, principalmente nordestinos. Em cada lugar a que chegam, trazem em sua bagagem a cultura daquela terra. Neste vaivém, ressignificam o lugar por onde passam, deixando suas marcas, e misturando-se com outros ritmos, pensamentos, gostos. No entanto, ao saírem do nordeste para o Rio de Janeiro, algumas vezes, deixam de ser chamado de “José” ou “Maria” e passam a ser o “Paraíba”, o “Ceará”. O lugar do Rio de Janeiro na História do Brasil é o centro; os outros estados, localizados, por exemplo, no Nordeste, representam o “outro”. Aqueles que passam pelo Ensino Fundamental e pelo Ensino Médio, na abordagem de História do Brasil em geral, estudam em algum momento na Região Sudeste, como “símbolo do progresso”. No entanto, o lugar do Nordeste na História é predominantemente associado à Colônia.

Referências

ABREU, Fernanda; FAWCETT, Fausto; LAUFER. **Rio 40 Graus. Intérprete**: Fernanda Abreu. In: *Discoteca Brasileira do Século XX: anos 90*. Rio de Janeiro: Sesc Rio Gravadora, 2007.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos – **Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)**. Trabalho Técnico Social na Urbanização de Favelas. Rio de Janeiro: Casa Civil / Escritório de Gerenciamento de Projetos do governo do Estado do Rio de Janeiro (EGP-Rio). Disponível em: <bvsms.saude.gov/bvs/palestras/seminário_efetividade_promocao/urbanizacao_favelas_pac.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2013.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Agglomerados Subnormais**: Primeiros resultados. Censo Demográfico de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

CERTEAU, Michael de. **A Cultura no Plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____. A operação historiográfica. In: _____. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013, cap. II, p. 45-108.

_____. O Tempo das Histórias. In: _____. **A Invenção do Cotidiano** / 1. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 140-154.

COSTA, Valeria Grace. **Indicadores Socioespaciais do Habitat em Grandes Cidades Brasileiras: Belém e Rio de Janeiro** [Tese de Doutorado]. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2012.

FAVELA. Etimologia. Wikipedia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Favela#Etimologia>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

FERREIRA, Marieta Moraes. História do Tempo Presente e História Oral. In: BONATO, Nailda Marinho da Costa; XAVIER, Libania (Orgs.). **A História da Educação no Rio de Janeiro: identidades locais, memória e patrimônio**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, p.16-25.

FORQUIN, Jean Claude. A Educação e a Questão da Cultura. In: _____. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Tradução de Guacira Lopes Lobo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, p. 8-26.

GABRIEL, Carmen Teresa (Coord.). **História, pra que te quero História**. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Rio de Janeiro: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Ensino de História, 2011b [texto digitado].

_____. **Memória e Ensino de História: espaços educativos e ensino de História**. TV, Salto para o Futuro. [s.l.], 4 nov. 2012 [texto digitado].

_____; MONTEIRO, Ana Maria. **Currículo de História e Narrativa: desafios epistemológicos e apostas políticas**. Rio de Janeiro: Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História (LEPEH) – Núcleo de Estudos em Competitividade (NEC) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2013 (texto digitado).

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. Quem Precisa da Identidade? Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 103-133.

HARTOG, François. **Tempo e Patrimônio**. Varia Historia. Tradução de José Carlos Reis. Belo Horizonte: Departamento de História – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), v. 22, n. 36, p. 261-273, Jul./Dez. 2006.

_____. **Regime de Historicidade: presentismo e experiência do tempo**. Tradução de Andréa Souza de Menezes, Bruna Befart, Camila Rocha de Moraes, Maria Cristina de Alencar Silva, Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MONTEIRO, Ana Maria. Ensino de História: entre História e memória. In: SILVA, Gilvan Ventura da; SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel (Orgs.). **História e Educação: territórios em convergência**. Vitória: Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a 2007, p. 59-80.

_____. **Professores de História: Entre Saberes e Práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, b 2007.

_____. Narrativa e narradores no ensino de história. In: _____. GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), c 2007, p. 119-135.

_____. **A Relação dos Docentes com os Saberes que Ensinam: possibilidades de pesquisa no campo do currículo por meio de um diálogo com Lee S. Shulman**. In: Novo Governo. Novas Políticas? 26ª Reunião Anual da ANPED. Poços de Caldas, 2003 / Rio de

Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), 2003 [texto digitado].

_____. **A Questão do Presente: epistemologia e cultura no ensino–aprendizagem de História.** Rio de Janeiro, 2011 [texto digitado].

_____. **O Ensino de História e Museus: o diálogo com a experiência do outro.** Rio de Janeiro, 2014 [texto digitado].

_____. Formação Docente: território contestado. *In:* MARANDINO, Martha Marandino; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra; AMORIM, Antonio Carlos R. de (Orgs.). **Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa.** 1. ed. Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense (EdUFF), 2005, p. 153-170.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo: Departamento de História – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 10 dez. 1993.

_____. _____. CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA. Projeto Político-Pedagógico. Rio de Janeiro, 2009-2010 [Texto digitado].

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A Produção Social da Identidade e da Diferença.** *In:* _____ (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 73-102.

VEIGA NETO, Alfredo da. **Foucault e a Educação: o sujeito.** 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.